

VICTOR RICARDO

AVES220S
de UM NATAL



Avessos de um natal

VICTOR RICARDO

©Victor Francisco Ricardo, 2022

Título: Avessos de um natal

Autor: Victor Ricardo

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: vifraricardi@gmail.com

Instagram: [@vifraricardo](https://www.instagram.com/vifraricardo)

Facebook: [@Victor Ricardo](https://www.facebook.com/Victor.Ricardo)

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Lucas Cassule

Execução Gráfica

É Sobre Nós Editora

Revisão

Jemima Kiala

Marketing e publicidade

Alusapo | Julieta Nguenda

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN: 978-989-33-4178-0

Edição Digital: Dezembro de 2022

É SOBRE NÓS EDITORA

Rua Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.

A Bíblia diz no livro de Génesis, capítulo 6, versículos 5, 6 e 7:

“E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.

Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração.

E disse o Senhor: Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até o animal, até ao réptil, e até a ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito”.

Agradeço a Deus pelo dom da escrita, aos meus pais pela persistência, à minha família pelo suporte e a todos os meus amigos e às pessoas que passaram por mim e deixaram um pouco da sua marca.

Muito obrigado.

VICTOR RICARDO

Nasceu em Luanda, aos 28 de Janeiro de 1989. Formado em Contabilidade e Auditoria – Universidade Agostinho Neto. Estudante do curso de Gestão Bancária e Seguros – ISAF. Começou a escrever em 2006 (poemas). Tendo se empenhado com mais afinco a partir de 2014, escrevendo poemas e algumas reflexões. Publicou os livros Miradouro da Lua (2019), Cartas à Ana Cármen (2021) e Nzoji – Sonhos Mutilados (2022).

Autor foi reconhecido com o certificado de mérito pela Fundação Arte e Cultura, num recital em homenagem ao livro “Miradouro da Lua”, aos 29 de Janeiro de 2020.



— Papá, o Pai Natal virá a que horas?

— Calma, filho.

Já estava no décimo primeiro Natal e nada mudava. Tinha a mesma sensação de há dez anos, o espírito de revolta ganhava robustez em mim.

— Júnior!... A roupa já está pronta.

— Está bem, mamã – a resposta vinha um pouco desanimada. Estava ligeiramente cansado do Pai Natal.

O relógio marcava vinte horas e trinta minutos e...

As ruas estavam adornadas com vários enfeites. As paredes pintadas em vários tons e nós, crianças, vestidas de colorido, passeando de rua em rua, de bairro em bairro, ora correndo, ora andando, sem nos cansarmos, com um sorriso estampado no rosto. Esperávamos dormir o mais tarde possível, embalados pelo cheiro de bolo que pairava no ar.

Dava para ver a solidariedade caminhar em cada canto daquelas ruas. Os bolsos eram mais generosos no Natal. Havia bolo na maior parte das casas e no dia seguinte brincávamos com as latas dos refrigerantes e cervejas, que de tanto que se bebia, já não cabiam nos baldes de lixo.

— É NATAL!...

— É NATAL! — Gritávamos todos, enquanto pedíamos presentes aos mais-velhos.

— Mas e o Pai Natal? — Perguntava-me — Quando será que vem? – Insistia.

— De madrugada ele virá! — Dizia um dos meus ami-

gos no âmago de uma euforia contagiante. Tão ingênuo!, pensava eu.

— Quando todos estiverem a dormir ele vai deixar os presentes — argumentava outro.

O tempo passava e nada acontecia. As festas em torno do Natal eram de encher os olhos. Cozidos, churrascos, sumos, bolos e mais bolos. Eu continuava à espera dele e com uma vontade enorme de dizer-lhe algumas coisas. Vários familiares juntavam-se à festa. As brincadeiras eram infinitas, mas eu queria mais alguma coisa, ver o Pai Natal e com ele os meus presentes.

Desapontado, ia dormir com os olhos cansados e a vontade de o ver mais uma vez guardada no armário da inocência, típico de uma criança que acredita em renas e trenós rasgando o véu do céu à meia-noite e um senhor barrigudo, com uma barba branca descer dele, entrar pela chaminé, e deixar o que me é devido.

— Até quando vou aguardar?

Eu resmungava o tempo todo e guardava a raiva nas trincheiras de um pensamento confuso. Mordia a roupa e deixava as outras crianças a brincar.

Isolava-me sorrateiramente, enquanto o meu cão, de três meses, vinha fazer-me companhia. Parecia que também estava à espera de alguma coisa, sei lá, talvez fosse Natal no mundo dele também. Mas ele ficava aí. Destilava fragmentos de empatia e um “quê” de lealdade para comigo.

— Que animal louco!

Os anos passavam, as ruas ficavam cada vez mais vazias. As pessoas, agora crescidas, saíam em busca de outros objectivos, mas as crianças continuavam lá, remando contra a maré, a dormir um sono profundo de Natal em Natal. Azar o delas!

Cada ano os meus traços ficavam mais carregados e o Pai Natal era a fantasia mais detestada no meu interior. Eu matava-lhe todos os dias das mais diversas formas.

— Porque é que as crianças confiam o seu presente de Natal num ladrão? Maldito Pai Natal! Vive roubando o sonho das crianças.

Os meus pais, tal como a maioria dos pais da região cobriam este período comprando vários presentes, gastando até o que não podiam de formas a colmatar esta necessidade. Eles eram os nossos verdadeiros Pai Natal.

— É NATAL!... Gritavam os novos sonhadores, exibindo calçados com luzes e uns chapéus na cabeça, parecendo a figura que eles tanto esperavam, o Pai Natal.

— Daqui a pouco já se cansam — atirei.

Para mim, já não havia Natal verdadeiramente, nós é que vivíamos presos no sonho do tão esperado presente. Decidi vingar-me dele e ser o que as crianças realmente esperavam — O verdadeiro Pai Natal — e presentear o maior número delas. O Natal nunca mais será o mesmo.

Alguns anos depois... Os ventos natalícios já se faziam sentir.

Eu divagava numa eufórica hipnose, no divã da inocência. Balançando entre os trapézios dos avessos de um Natal frustrante. Sobre a luz de um céu cujas renas demoram a atravessar.

Saltei as ruas sem saber onde estava o Pai Natal, que mais uma vez tardava a chegar – aliás, sempre foi assim – mexi nos vazios que trago no bolso e pinteí factos com a raiva que me cortava a alma.

Mais um Natal e eu... Uma criança num corpo barbudo e meio deformado pelas quedas da vida.

— Que merda de sonho! Sempre o mesmo Natal!

Para mim, os anos passavam rapidamente, as dúvidas engoliram as dívidas de mais um ano sem presente. Eu corria de viaduto em viaduto, com os pés descalços, às vezes parecendo um orangotango de tão arruaceiro que me tornei. Sempre com um olhar furioso e a gritar todos os anos:

— Onde está o meu presente de Natal? Maldito Pai Natal!

Ao regressar a casa, depois de alguma espera e de ver os meus anseios naufragarem, sentei-me à mesa e estranhamente olhei para a sopa que repousava no meu prato com um sorriso disfarçado. Mas não... Não queria nada daquilo, nem um pouco.

Eu esperei a madrugada só para ver se este Natal seria diferente. Já não era uma criança e os bolos em casa deixaram de ser frequentes neste período. Além disso, a casa estava calma e a mamã já dormia um sono profundo. Parece que aqui ninguém mais acredita em Natais! — Exclamei.

Olhei para os quatro cantos da sala e enquanto apreciava a dança do relógio de parede — os ponteiros marcavam zero horas e dez minutos — vi-me remetido numa viagem, onde os silêncios eram tão barulhentos que às vezes era difícil manter-se focado.

Dava para notar que, as ruas eram envidraçadas neste período da madrugada. Via o meu reflexo trinta anos depois, todo cheio de barba e uma barriga assustadora. Parecia que algo inédito estava a ocorrer — Quem sou eu? — Perguntava-me um pouco assustado.

Em resposta a minha voz voltava de forma estrondosa, embrulhada num eco arrogante, que deixava um orvalho traquinas no meu olhar. Que Pai Natal é este que me rouba os presentes durante anos? — Questionava-me entristecido.

O meu cão, agora envelhecido, latia ao meu lado, coçava as orelhas o tempo todo. Parecia impaciente, tão impaciente que ia embora e deixava-me na rua quase sempre à mercê da

solidão e do cinismo daqueles becos. Se calhar ele já nem se lembrava do Natal, mas mesmo assim eu permanecia na rua.

O que eu queria mesmo era ver o Pai Natal entrar pelas chaminés e deixar os presentes prometidos a todas as crianças do universo. Por isso sentei-me mais um pouco, banhando-me com a luz do luar, que pelo semblante sorria à luz de um saxofone cósmico. Enquanto olhava para a minha imagem que ganhava outras feições.

De repente...

Um vozeirão:

— Ei!... Você aí!

— Rapaz!

Era uma voz, que mesmo de longe dava para sentir os seus agudos. Com medo, corri o mais rápido que podia e escondi-me num beco escuro. A voz era muito forte. Mesmo assim ninguém acordava. Ele seguia-me e eu sentia aquele som cada vez mais próximo.

— Oh! Oh! Oh!... — Dizia — Feliz Natal – Insistia o homem, que pelo pouco que pude ver, era barbudo e barrigudo, igual a mim. Só que um pouco mais-velho.

Eu estava com algum medo e tentava contê-lo. Era o meu momento e não podia desperdiçá-lo.

— O que foi? — Enchi-me de coragem e gritei de forma violenta para que ele tivesse medo de mim.

Ele sorria e caminhava lentamente. Ainda assustado olhei para ele e disse-lhe:

— Já vens tarde. Esperei por ti a vida toda e só resisti a esta espera cega porque entardecí a minha infância na memória. Queria ver de que és realmente feito.

— Mas! — Tentava explicar-se o homem.

Eu o interrompia o tempo todo. São tantos anos acumulados, que hoje eu queria mesmo falar.

— Maldito Pai Natal! Maldito! O meu Natal acabou quando atingi a maioridade. E mesmo assim acreditei em chaminés, trenós e renas, para quê? –

Insistia eu, tinha o peito cheio de raiva.

Depois, o Pai Natal, preocupado, respondeu:

— Eu sei... Mas as crianças devem ter sonhos e fantasias, por isso é que eu existo... Eu sou a fantasia delas – disfarçava um sorriso enquanto falava.

— Desculpa, Pai Natal... Mas hoje mesmo eu matei-te em todos os sonhos e enterrei todas as fantasias que representas numa dimensão muito interior. Não me revejo em ti... morre! Morre!

— O quê?

— Isso mesmo!... Morre!... A fantasia que és virou fantasma na minha memória, por isso morre e devolve a realidade a todas as crianças do mundo. Devolve a realidade às crianças! Devolve!

— Não! – Gritou o Pai Natal com uma grande tristeza no olhar. Ele parecia contorcer-se com alguma dor. À medida que eu falava, o seu rosto ganhava outros adornos. Via-se o seu sufoco e a dor que ele sentia pelo facto de uma criança deixar de acreditar nele.

— Morre!

As ruas permaneciam em silêncio, contemplando aquele momento. Os enfeites de Natal desapareciam um a um. Os ventos que traziam realidades e queimavam as fantasias da época natalícia e o Pai Natal deixava de ser a grande atracção.

Passavam pelos espelhos várias crianças desacreditando

no Pai Natal. Por todos os cantos as suas fotografias eram dizimadas. Ninguém se vestia de acordo ao momento. Todas as camas estavam preenchidas, a madrugada e as ruas permaneciam nuas.

Ao olhar tudo aquilo, o Pai Natal ajoelhou-se, como se tivesse sido ferido. Pôs-se a chorar e de forma repentina, caiu. Estrebuchou dando o último suspiro e sucumbiu.

Olhei para o seu corpo avolumado deitado naquele chão frio de uma madrugada atípica, respirei fundo e dei uma larga gargalhada. De forma sarcástica atirei:

— Oh!... Oh!... Oh!... Feliz Natal, Pai Natal!

De alma leve e com a raiva abandonada naquela rua, onde o meu Natal um dia foi bom. Vesti-me das roupas daquele simples homem deitado no chão. Domei as renas e gritei noite afora:

— Matei o Pai Natal!... Eu matei o Pai Natal!

Enquanto festejava, tive a sensação de chuva. Como se uma grande quantidade de água se apoderasse do meu rosto. Quase que me cortava a respiração. Espantei-me e vi que o copo de água que estava na mesa se havia entornado.

“Se calhar no meio daquela conversa franca não consegui controlar os movimentos das minhas mãos”, pensei.

Pude ver também que a sopa continuava no prato. Agora fria, muito fria e eu continuava não a querendo tomar. Onde é que já se viu tomar sopa no Natal?!

Com os pés ainda combalidos, dirigi-me à janela e reparei no silêncio da rua. Eram três horas e quarenta e cinco minutos. O Natal parecia um dia normal. As ruas já não cheiravam a bolo, como antigamente, e não se viam latas espalhadas pelos cantos. Parece que todos se esqueceram daquela mentira de esperar presentes e certas futilidades que só crianças ingénuas acreditam.

Nada se assemelhava a nada. As fotografias dos Natais do passado nem se faziam sentir. As janelas das outras casas estavam escuras. Provavelmente, todos estavam a dormir.

O relógio continuava a sua dança e com um sorriso no rosto pensei: definitivamente matei-te...

De que vale um conto, um romance preso na sua gaveta?
Publique com a **É SOBRE NÓS!**

É Sobre Nós Editora

Seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

https://instagram.com/esobrenoseditora_oficial

+244 926 155 992 | +244 919 146 296